

# O homem e seus símbolos

Uma jornada em direção ao mundo da abstração

Por Valmir Perez

**DESDE QUE OS SERES HUMANOS** aportaram no mundo do abstrato, das paragens infinitamente complexas da descoberta de si mesmos e do universo externo. Desde o momento em que a evolução de nossa espécie determinou o salto acima da simples senciência, das simples reações estímulos – respostas fisiológicas e, portanto, apenas “mecânicas”, no sentido arbitrário – outra hiperdimensão se descortinou no horizonte da raça.

Essa hiperdimensão se fez revelar no momento exato em que os sistemas internos de percepção sensível, ou seja, no momento em que o sistema nervoso humano atingiu seu ponto de culminância de fim de ciclo evolucionário<sup>1</sup> e, a partir daí, os estímulos recebidos pelos neurônios<sup>2</sup> através das milhares de redes de terminais axônicos<sup>3</sup> foram de fato sendo “compreendidos” e “assimilados” na introspecção do ser.



Para entendermos isso, podemos tentar imaginar um ser vivo qualquer recebendo determinado estímulo externo. Imaginemos também que esse ser ainda não possui um aparato nervoso que contemple a introspecção e avaliação totalizante desse estímulo. Somente a atitude reflexa é o que se apresentará como reação a esse determinado movimento. Nada mais! Essa atitude ainda, uma vez vivenciada, não deixará rastros de memória abstrata por não ter havido nenhum processo interno de arbítrio, apenas o simples reflexo nervoso. Quando muito, como herança, apenas um processo reativo mais apurado. Uma memória reflexa. É por esse motivo que as relações de percepção de tempo se apresentam com caracteres diversos nos seres em posições diferentes na escala evolutiva.

Vamos supor agora que, em dado momento (isso provavelmente pode ter ocorrido com nossa espécie), um determinado estímulo externo foi recebido e, nas entranhas de algumas das inumeráveis fendas sinápticas, esse mesmo estímulo “acendeu” a “rede elétrica” perceptiva, ricocheteando os neurotransmissores, e foi “vivenciado” de maneira diferente. Sua contraparte abstrata foi também reconhecida pelo “todo” cerebral processante que, nesse mesmo momento, “experimentou” pela primeira vez um evento de maneira mais sutil, numa outra dimensão perceptual. Percebeu então que algo externo estava sendo sentido e algo interno estava sentindo: a descoberta de si mesmo. Deu-se então o início da caminhada humana pelas trilhas tortuosas da evolução consciencial. Fomos expulsos do paraíso, da união da criação com o criador, aportando no vale de lágrimas do conhecimento do bem e do mal (figura 01). A maçã do conhecimento, que pode representar as metades lógica/esquerda e intuitiva/direita do cérebro, havia sido devorada por Chronos<sup>5</sup>. A energia passivo/feminina humana que fora bombardeada durante os milênios pelas sensibilizações provindas da medula espinhal<sup>6</sup>, da serpente que se enrosca na coluna e tem seu

ponto de chegada nas ramificações da árvore cerebral, aprendeu a olhar para si mesma. Daí a oferecer o pecado do entendimento à sua contraparte masculina, ativa e lógica, direita/ativa, foi um passo.

Claro que, sendo esse um dos grandes mistérios da nossa natureza, podemos apenas conjecturar os caminhos pelos quais isso possa ter ocorrido, mas certamente ocorreu em algum ponto em nossa linha de tempo. Tira-se então a conclusão de que, a partir daí, mais do que apenas a sensação e a percepção do estímulo, os seres demonstraram certa aptidão para abstrair, o que significa também generalizar através de redução os conteúdos das informações, de conceitos e dos fenômenos, retendo assim sempre o mais relevante de qualquer experiência.

As abstrações somente são possíveis porque são frutos dos continuados processos de estímulo-reação do reservatório de todos os repertórios de sensações que, ao se combinarem, proporcionam a evolução da apreensão perceptiva. As abstrações são os frutos das intermináveis reações que os seres sofrem na sua trajetória evolutiva e mais os frutos das reflexões internas sobre esses estímulos.

Vimos surgir então o que denominamos psique. Mas além da simples resposta fisiológica, o que certamente foi consequência de “algo” externo, como teria sido o desencadear de forças que provocaram tamanha mudança de direção na evolução do sistema nervoso e dos seres humanos? Muitas teorias têm surgido a respeito disso. Podemos até afirmar que quase a totalidade das teorias de desenvolvimento ainda se debruça sobre essa questão ainda controversa, mas grande parte delas atribui à questão da reprodução. Segundo Paulo Cesar Sandler,

*“Mas, se houve uma evolução, no sentido de um amadurecimento mental, como o que podemos observar em um ser humano em seu ciclo vital, de bebê e adulto, me parece ter sido a tentativa de se*



Figura 01  
Adão e Eva expulsos do Paraíso.  
Capela Sistina Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simoni.

lidar com a onipotência e com a onisciência típicas da posição esquizo-paranoide<sup>7</sup>. É verdadeiro hoje afirmarmos que a noção de família e de paternidade marcaram a noção de que as pessoas dependiam umas das outras. Que aquelas fêmeas que vagavam com pequenos hominídeos pela Terra tinham algo a ver com o macho. Havia o ato prazeroso, advindo de uma corte a atração idênticas ao odor emitido pelos canídeos, o som emitido pelos pássaros, mudanças de plumagens e outros atrativos sexuais que providenciavam e ainda providenciavam a perpetuação da vida, algo que a natureza fazia e continua fazendo questão que ocorra. Mas em algum momento, até mesmo os hominídeos primitivos, tão mais frágeis e tão mais novos na Terra do que os mamutes, dinossauros, tigres-dente-de-sabre, acabaram percebendo: aquela fêmea havia inchado em função de algo que eles tinham feito – e que os pequenos hominídeos tinham algo a ver com ele, o macho.

*Terá sido essa primeira manifestação da mente humana? Dentro das descobertas de Freud e Klein a respeito dos instintos, e das fantasias inconscientes enquanto equivalentes psíquicos dos instintos, a noção de macho e fêmea, ou de masculinidade ou feminilidade, de paternidade e maternidade, precederam manifestações artísticas e místico – religiosas.*<sup>8</sup>

Vamos então agora pensar o seguinte: se a evolução da psique, ou seja, da nossa capacidade de abstrair se trata de um mecanismo, como então abstraímos? Quais seriam então esses mecanismos?

Atentar para o fato de que deve existir um meio dinâmico pelo qual as nossas mentes possam pensar sobre si mesmas e sobre o mundo externo, é fundamental para entendermos o que se deu, para que, a partir de determinado momento, possamos “refletir” sobre algo – uma característica de quem abstrai. Mesmo que pensar ou abstrair signifique não haver ainda linguagem como a conhecemos hoje, através de qual princípio ou meio abstraímos?

Talvez a resposta esteja mesmo nos modos – se assim podemos definir – que permitem ao homem manifestar seu entendimento do que seja a sua relação sensível com o mundo interno e com a totalidade universal, ou externa: a arte e a mística. Se foi dessa forma, então poderemos su-

por que talvez ainda possamos ter acesso ao eco desses primeiros passos na senda humana em direção ao avanço da mente e da compreensão. E temos!

É através dessas duas formas expressivas que os seres humanos conseguem exprimir suas abstrações e dar sentido às formas. Com a evolução da mente nasceu a simbolização. Um símbolo é exatamente isso! É algo material que tanto pode ser sonoro, visual, tátil, odorífico ou de paladar. Nos antigos ritos religiosos e na Arte Rupestre<sup>9</sup> do Paleolítico Superior<sup>10</sup> encontraremos as primeiras manifestações externas da abstração humana (figura 02). Quase todas elas ligadas a exatamente o que nos sugeriu acima o autor:

*“...a noção de macho e fêmea, ou de masculinidade ou feminilidade, de paternidade e maternidade, precederam manifestações artísticas e místico – religiosas.”<sup>11</sup>*

Esses símbolos se espalham por toda a Terra. Segundo a versão atual e oficial da Arqueologia, as manifestações mais antigas datam de um pouco mais de 40.000 anos antes de Cristo. Mas não é apenas nas pinturas e esculturas que encontramos expostas nas cavernas de cinco continentes, que podemos buscar e traçar o desenvolvimento humano, mas também e principalmente nos mitos por eles legados a nós através dos milênios. As religiões míticas estão impregnadas de estruturas que Carl Gustav Jung<sup>12</sup> denominou de arquetípicas por conterem as matrizes do desenvolvimento da psique. Para os Neoplatônicos<sup>13</sup> como Plotino<sup>14</sup>, os arquétipos eram os modelos preexistentes de todas as coisas.

Jung ainda nos afirma que

*“A história antiga do homem está sendo redescoberta de maneira significativa através dos mitos e imagens simbólicas que lhe sobrevive-*

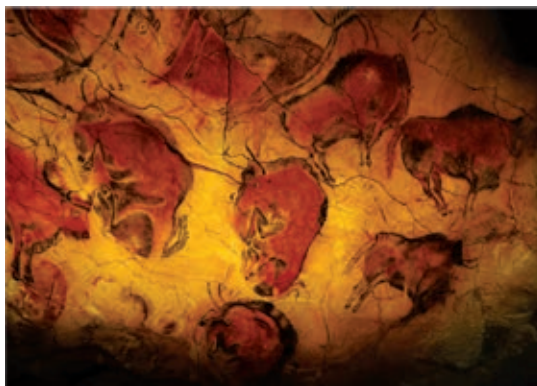


Figura 02  
Cena Rupestre.  
Bisões da Caverna de Altamira.

ram. À medida que os arqueólogos pesquisam mais profundamente o passado, vamos atribuindo menos valor aos acontecimentos históricos do que às estátuas, desenhos, templos e línguas que nos contam velhas crenças. Outros símbolos também nos têm sido revelados pelos filósofos e historiadores religiosos que traduzem essas crenças em conceitos modernos inteligíveis, conceitos que, por sua vez, adquirem vida graças aos antropólogos. Estes últimos nos mostram que as mesmas formas simbólicas podem ser encontradas, sem sofrer qualquer mudança, nos ritos ou nos mitos de pequenas sociedades tribais ainda existentes nas fronteiras de nossa civilização.

*Todas essas pesquisas contribuíram imensamente para corrigir a atitude unilateral de pessoas que afirmam que tais símbolos pertencem a povos antigos ou a tribos contemporâneas "atrasadas" e, portanto, alheias às complexidades da vida moderna. Em Londres ou Nova York é fácil repudiar os ritos de fecundidade do homem neolítico como simples superstições arcaicas.*"<sup>15</sup>

Mas para quem acha que os símbolos antigos de fertilidade são coisas do passado e não estão presentes nas megalópoles, sinto afirmar: é preciso abrir os olhos e vê-los por toda parte. Os obeliscos, símbolos fálicos, portanto de fertilidade, espalham-se pelo globo e são ainda, me parece, um fetiche para os arquitetos e planejadores de cidades. Seja em Buenos Aires, Nova York, Paris ou, por incrível que pareça, na Praça do Vaticano (figura 03), esse símbolo de origem arcaica, adorado por sumérios e egípcios, ainda está presente no nosso dia a dia.

Esse é apenas um exemplo da força e durabilidade dos símbolos. Se em determinado momento abstraímos, certamente isso se deu através de uma interface simbólica. Esse paradigma é de



difícil combate porque nos oferece a maioria das evidências dos caminhos de nosso processo de evolução. Mas ainda assim cabe nos perguntarmos: o que é simbolizar?

Simbolizar é atribuir significados através de um suporte que o represente. Esse suporte é o símbolo, e o significado, é a sua contraparte subjetiva. Essa é uma maneira simplificada de definir um símbolo, mas por hora nos basta. O mais importante aqui não é destrinchar a semiótica, mas levar o leitor a perceber a importância da simbolização na vida das pessoas. Coisa que parece diluída diante das necessidades básicas e urgentes da existência, mas talvez seja por esse mesmo motivo que as pessoas não estejam percebendo que os símbolos têm uma importância muito maior em suas vidas do que geralmente elas atribuem.

Mais uma vez cabe lembrar que símbolo não é apenas aquele que se apresenta numa base ou suporte visual. Como já afirmei anteriormente, podemos perceber significados em quaisquer níveis sensoriais. Seja na música, num simples som, num cheiro, num tipo qualquer de movimento, etc.

Um símbolo é um pacote de informação. Ele é o veículo que traz até nosso sistema de apreensão cognitivo, dados que podem apresentar diferentes níveis de compreensão que transcendem o pensamento simplesmente lógico/temporal. Ao vermos um símbolo: pronto! Já apreendemos de maneira abrangente significados muitas vezes altamente complexos.

Mas há algo ainda nesse jogo de recepção – apreensão que precisa ser devidamente explicado. Algo importantíssimo. Para que um determinado símbolo possa ser verdadeiramente um veículo funcional de linguagem, que se comporte como um "RNAm"<sup>16</sup> abstrato, a contraparte receptora precisa reconhecer a "ideia" e os "conceitos" que estão sendo representados por determinado símbolo. Um símbolo só funciona quando representa ideias e conceitos que podem ser reconhecidos pela contraparte receptora. No caso: nós, seres humanos.

Para Ken Wilber, criador da psicologia integral, o entendimento do significado de um sím-

Figura 03  
Catedral de São Pedro.  
Praça do Vaticano – Roma Itália.



bolo se dá ainda de diferentes modos, dependentemente do nível de acesso ao reconhecimento de cada indivíduo ou grupo, ao universo abstrato representado por determinado símbolo. Suas pesquisas mostraram que, em se tratando, por exemplo, de símbolos carregados de significados filosóficos, ou seja, dos valores fundamentais da existência, do conhecimento, das asserções relativas à verdade individual ou de grupo, de valores morais, estéticos, etc,

*“Os seres humanos podem criar linguagens – sistemas de sinais e símbolos – que representam diversas realidades. Em sua maioria, o referente desses significadores existe em um ou mais desses espaços de mundo, e os sujeitos podem perceber esses referentes, se possuírem o significado de desenvolvimento correspondente. Mas para que qualquer asserção filosófica tenha significado real, o endereço cósmico do referente precisa ser indicado – em que nível de espaço do mundo ele existe, e por meio de qual perspectiva ele é visto. Não indicar isso implica que o orador não percebe que há diversos espaços de mundo, mas supõe que seu espaço de mundo é o único mundo pre-*

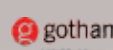


*concebido, que leva o indivíduo ao “mito do dado” e a vários tipos de metafísica (absurda).”<sup>17</sup>*

É exatamente nesse ponto que eu gostaria de chamar a atenção do leitor: para o perigo do “mito do dado”, especificamente no que se refere ao desentendimento do “orador” quanto às questões do universo do conhecimento simbólico do receptor.

Essa discussão é fundamental quando a

**AcuityBrands**



**Iluminação Industrial**

**Tecnologia LED**



**Lithonia - PTN - Proteon**

- Luminária LED com gerenciamento térmico por condução e convecção que permite aplicação em ambientes industriais de -20°C a 55°C.
- Sistema ótico composto por LEDs, refletor MIRO4 e lentes de alta eficiência.
- 4 opções de fecho (aberto, concentrado, médio e alongado)
- 3 opções de potência para aplicação em áreas com altura de montagem de 4 a 13m
- Opção com módulo de emergência/bateria com autonomia mínima de 90 minutos.
- **Aplicação:** Indústrias em Geral, Câmaras Frigoríficas e Centros de Distribuição.

Potencia Equivalente		
LUMENS	LED	V. METÁLICO
6.000	71W	150W
12.000	142W	250W
18.000	213W	400W

**luminárias PROJETO**

Fábrica: Via Anchieta, km 11 - São Paulo - SP  
 home page: [www.luminariasprojeto.com.br](http://www.luminariasprojeto.com.br)  
 PABX: (11) 2946-8200



trazemos para as áreas de desenvolvimento de projetos visuais. Especificamente os de projetos visuais criados através das propriedades da luz. Nesse caso, o mito do dado e o da falta de conhecimento, por parte do “orador”, das relações que o receptor possa fazer em relação às diferentes entidades simbólicas pode ter impactos altamente positivos ou, pelo contrário, negativos. Nesse último caso, dependendo do grau de desvio de sintaxe da linguagem escolhida, um verdadeiro desastre!

Ao desenvolvermos projetos de iluminação, seja no espaço construído, público, cênico, etc., estamos recorrentemente encontrando desafios desse nível. Isso é mais comum do que, infelizmente, a maioria dos designers possa imaginar. Essa é particularmente uma questão bastante urgente, porque denuncia que se os designers de iluminação sequer percebem que o problema da simbólica em projetos pode ser um desafio, significa que esses profissionais apresentam níveis de entendimento da linguagem visual extremamente deficitários.

Ao avaliarmos o universo dos símbolos ainda com um pouco mais de profundidade, logo percebemos que existe o que poderíamos denominar de abrangência de “valores” simbólicos, óbvio que sempre relacionados a um ou mais universos ou grupos sociais.

Porém, existem símbolos aos quais podemos atribuir significados universais, tais como os símbolos de origem ontológica. Os obeliscos citados anteriormente se encaixam perfeitamente nesse grupo, pois representam historicamente nossa ancestralidade tanto física, como de relação com nós

mesmos, com a natureza e com os caminhos que percorremos durante a nossa evolução no planeta.

Existe outro grupo importantíssimo representado pelos símbolos de tradição como o das religiões, de estados – nações, de seitas e irmandades (figuras 04 e 05). Alguns mais antigos que outros, mas integrados dentro de suas relativas culturas e mesmo universalmente.

Há também o grupo dos símbolos criados artificialmente para desempenhar papéis de difundir determinadas crenças, ideologias, produtos, etc. As marcas visuais, sonoras, etc. das empresas e corporações, de partidos políticos, de times de futebol, de instituições governamentais como a ONU, a UNICEF, etc. são exemplos justos desse grupo (figuras 06 e 07).

Enfim, seria impossível descrever aqui todo o imenso conjunto de grupos e subgrupos de entidades simbólicas que existem ou existiram. Dos que ainda cumprem a função de movimentar as forças conscientes e inconscientes do ser humano, e daqueles que já perderam sua força dinâmica no decorrer dos tempos. O mais importante é saber que o estudo dessas forças jamais pode ser negligenciado pelos designers de iluminação. Um passo em falso pode significar a queda, enquanto que o caminho bem “iluminado” pelo entendimento da ação dessas forças representa resultados garantidos dos projetos, pelo menos nas questões relativas à linguagem como expressão verdadeira e entendível das ideias e conceitos abstratos em jogo.

A fim de encontrar as soluções visuais que se



Figura 05



Figura 06

“encaixem” adequadamente dentro de determinado projeto – no sentido abrangente – os designers de iluminação devem cumprir determinadas etapas de pesquisa. Todos sabemos disso, mas nem todos ainda se deram conta de que o estudo das relações formais

resultantes da interação das luzes sobre os espaços, e que, imperiosamente, acabam por criar entidades ou grupos de entidades simbólicas nesses espaços, é de fundamental importância.

Esses estudos devem contemplar não exclusivamente, mas de maneira bastante cuidadosa, o universo mítico – místico – simbólico do grupo ou grupos sociais que nesses espaços se farão presentes, a fim de resolver questões técnico – estéticas que respeitem profundamente o espaço de reconhecimento de cada um. ◀



Figura 07

Valmir Perez

é lighting designer, graduado em Artes e mestre em Múltiplos. É responsável pelo Laboratório de Iluminação da Unicamp, onde desenvolve projetos de iluminação, captação de imagens e de softwares, além de ministrar cursos, workshops e palestras. Contato – valmirperez@gmail.com/ www.iar.unicamp.br/lab/luz.



1 Fim de ciclo evolucionário no sentido de finalização de determinada etapa da evolução e não apenas de transformação final e absoluta. A evolução humana é um continuum presente e que pode ser observado até mesmo na sua estrutura dinâmica, no seu modo de funcionamento, sempre buscando a adaptação na interação com o meio, nas inter-relações externas e até mesmo internas. Nota do autor. 2 O neurônio é a célula do sistema nervoso responsável pela condução do impulso nervoso. Há cerca de 86 bilhões (até 20 de fevereiro de 2009 se especulava que havia 100 bilhões) de neurônios no sistema nervoso humano. O neurônio é constituído pelas seguintes partes: corpo celular, núcleo celular, dendritos (prolongamentos numerosos e curtos do corpo celular, receptores de mensagens), axônio (prolongamento que transmite o impulso nervoso vindo do corpo celular) e telodendritos. Wikipedia a Enciclopédia Livre. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Neur%C3%B4nio> Em 08/09/2012. 3 O axônio é uma parte do neurônio responsável pela condução dos impulsos elétricos que partem do corpo celular até outro local mais distante, como um músculo ou outro neurônio. Uma de suas características é estar envolto pelas células de Schwann, no sistema nervoso periférico, e pelos oligodendrócitos no sistema nervoso central. A superposição de camadas de oligodendrócitos e de células de Schwann originam a bainha mielínica. Alguns axônios de neurônios de um humano adulto podem chegar a mais de um metro de comprimento. Wikipedia a Enciclopédia Livre. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ax%C3%B4nio> Em 08/09/2012. 4 Neurotransmissores são substâncias químicas produzidas pelos neurônios, as células nervosas com a função de biosinalização. Por meio delas, podem enviar informações a outras células. Podem também estimular a continuidade de um impulso ou efetuar a reação final no órgão ou músculo alvo. Wikipedia a Enciclopédia Livre. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Neurotransmissores> Em 08/09/2012. 5 Na mitologia grega, Chronos ou Khronos (em grego Χρόνος, que significa 'tempo'; em latim Chronus) era a personificação do tempo. Também era habitual chamar-lhe Eón ou Aión (em grego Αἰών). Wikipedia a Enciclopédia Livre. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Chronos> Em 09/09/2012. 6 A medula espinal, medula espinal ou medula espinhal é a porção alongada do sistema nervoso central, é a continuação do encéfalo, que se aloja no interior da coluna vertebral em seu canal vertebral, ao longo do seu eixo crânio-caudal. Ela se inicia na junção do crânio com a primeira vértebra cervical e termina na altura entre a primeira e segunda vértebra lombar no adulto, atingindo entre 44 e 46 cm de comprimento, possuindo duas intumescências, uma cervical e outra lombar. Na anatomia dos seres humanos, em pessoas do grupo humano de origem caucasóide, a medula espinal termina entre a primeira e segunda vértebra lombar, enquanto em pessoas de origem negroide, ela termina um pouco mais abaixo, entre a segunda e a terceira vértebra lombar. Na medula espinal residem todos os neurônios motores que enervam os músculos e também os eferentes autônomos. Recebe também toda a sensibilidade do corpo e alguma da cabeça e atua no processamento inicial da informação de todos estes inputs (neurônios sensitivos). Wikipedia a Enciclopédia Livre. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Medula\\_espinhal](http://pt.wikipedia.org/wiki/Medula_espinhal) Em 23/09/2012. 7 Termo cunhado por Melanie Klein (psicanalista húngara, radicada na Inglaterra, 1882-1960) para designar um conjunto de ansiedades e defesas que definem um padrão de relação. Para cunhar este termo, M. Klein utilizou a terminologia criada por Eugène Bleuler (psiquiatra suíço, 1857-1939) para melhor designar a Dementia paecox de Emil Kraepelin (psiquiatra alemão, 1856-1926). Assim, retirou a primeira parte da palavra esquizofrenia, que significa mente dividida, e acrescentou o termo paranoide, que designa ideias e sentimentos de cunho ameaçador, persecutório. Foi a partir de sua experiência no tratamento de crianças que Melanie Klein inferiu que o funcionamento mental da criança, em seus quatro primeiros meses de vida (durante a fase oral descrita por Karl Abraham [psicanalista alemão, 1877-1925]), seria caracterizado pela presença de fantasias agressivas que desencadeariam uma ansiedade de cunho persecutório. Para Melanie Klein, o ser humano ao longo de toda a sua vida oscila entre duas posições: a esquizo-paranoide e a depressiva. Clinicamente, observa-se um conjunto de elementos: uma intensificação da agressividade através de fantasias orais (devorar, morder, engolir) dirigidas ao objeto, que é parcial (cujo protótipo é o seio materno) e clivado em dois: o bom e o mau objeto. Predominam a introjeção, a projeção e a idealização. Devido aos ataques ao objeto bom, a angústia é intensa e de natureza persecutória (ameaça de ser destruído pelo objeto mau). Nota do autor - Centro de Medicina Psicossomática e Psicologia Médica Hospital Geral da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. [http://www.medicinapsicossomatica.com.br/glossario/esquizo\\_paranoide.htm](http://www.medicinapsicossomatica.com.br/glossario/esquizo_paranoide.htm) Em 09/09/2012. 8 SANDLER, P. Cesar. A Apreensão da realidade Psíquica. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1997. Págs. 62 e 63. 9 Arte rupestre, pintura rupestre ou ainda gravura rupestre, são termos dados às mais antigas representações artísticas conhecidas, as mais antigas datadas do período Paleolítico Superior (40.000 a.C.) gravadas em abrigos ou cavernas, em suas paredes e tetos rochosos, ou também em superfícies rochosas ao ar livre, mas em lugares protegidos, normalmente datando de épocas pré-históricas. Wikipedia a Enciclopédia Livre. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Arte\\_rupestre](http://pt.wikipedia.org/wiki/Arte_rupestre) Em 08/09/2012. 10 O Paleolítico Superior é um conceito que abrange o fim do Paleolítico Médio e início do Mesolítico. Nele foram encontrados anzóis primitivos, bifaces, machados de mão, agulha de osso, entre outros. É também caracterizado pela arte rupestre. Outros dois grandes avanços foram o desenvolvimento da agricultura e a domesticação dos animais. Cultivando a terra e criando animais, o homem conseguiu diminuir sua dependência com relação à natureza. Com esses avanços, foi possível a sedentarização, pois a habitação fixa tornou-se uma necessidade. Neste período ocorreu também a divisão do trabalho por sexo dentro das comunidades. Enquanto o homem ficou responsável pela proteção e sustento das famílias, a mulher ficou encarregada de criar os filhos e cuidar da habitação. Wikipedia a Enciclopédia Livre. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Paleol%C3%ADtico\\_superior](http://pt.wikipedia.org/wiki/Paleol%C3%ADtico_superior) Em 08/09/2012. 11 Op. Cit. 12 Carl Gustav Jung (Kesswil, 26 de julho de 1875 – Küssnacht, 6 de junho de 1961) foi um psiquiatra suíço e fundador da psicologia analítica, também conhecida como psicologia junguiana. Wikipedia a Enciclopédia Livre. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Carl\\_Gustav\\_Jung](http://pt.wikipedia.org/wiki/Carl_Gustav_Jung) Em 08/09/2012. 13 O Neoplatonismo foi uma corrente de pensamento iniciada no século III que se baseava nos ensinamentos de Platão e dos platônicos, mas interpretando-os de formas bastante diversificadas. Apesar de muitos neoplatônicos não admitirem, o neoplatonismo era muito diferente da doutrina platônica. O prefixo neo, inclusive, só foi adicionado pelos estudiosos modernos para distinguir entre os dois, mas na época eles se autodenominavam platônicos. 14 Plotino (em grego: Πλωτῖνος; Licópolis, 205 – Egito, 270) foi um filósofo neoplatônico, autor de Enéadas, discípulo de Amônio Sacas por onze anos e mestre de Porfírio. Wikipedia a Enciclopédia Livre. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Plotino> Em 23/09/2012. 15 JUNG, C. GUSTAV. O Homem e Seus Símbolos Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S/A. 1980. Pág. 106. 16 O RNAm, ou RNA mensageiro é o intermediário chave na expressão gênica atua na tradução do DNA em aminoácidos para “fazer” as proteínas de todos os seres vivos da terra. O RNA é o responsável pela transferência de informação do ADN até ao local de síntese de proteínas, na célula. Durante a transcrição, uma enzima, designada ARN-polimerase faz a cópia de um gene do DNA para o RNAm. Nos procariotas o ARNm não sofre, geralmente, qualquer processo de modificação – aliás, a síntese das proteínas chega a ocorrer enquanto a transcrição ainda está a acontecer. Wikipedia a Enciclopédia Livre [http://pt.wikipedia.org/wiki/RNA\\_mensageiro](http://pt.wikipedia.org/wiki/RNA_mensageiro) Em 23/09/2012. 17 WILBER, Ken. Espiritualidade Integral – Uma nova função para a religião neste início de milênio. São Paulo: Aleph Publicações e Assessoria Pedagógica Ltda.. 2010. Pág. 325.